

Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema
Cinemateca com o IndieLisboa: Director's Cut
30 de abril e 8 de maio de 2026

MAMMA / 1982

um filme de **Suzanne Osten**

Realização: Suzanne Osten / **Assistente de Realização:** Gustav Wiklund / **Argumento:** Tove Ellefsen, Suzanne Osten / **Direção de Fotografia e Montagem:** Hans Wellin / **Composição:** Gunnar Edander / **Som:** Lennart Dunér, Bengt Löthner, Olle Unnerstad / **Design de Produção:** Anders Barréus / **Figurinos:** Birthe Barréus / **Maquilhagem:** Christoffer Dogertz / **Departamento de Arte:** Åke Bengtsson / **Departamento Técnico:** Åke Brandhild, Solveig Warner / **Interpretação:** Malin Ek, Etienne Glaser, Serge Giambernardini, Heinz Hoenig, Moa Stridbeck, Philip Zandén, Hans V. Engström, Anne-Lise Gabold, Iwa Boman, Inga Landgré, Helge Skoog, Bertil Norström, Gösta Krantz, Lars Forssell, Carl-Olof Gierow, Lena T. Hansson, Lottie Ejebrant, Wallis Grahn, Lars Wiik, Birgit Cullberg, Ian Magilton, David Goldsworthy, Derek Rosenberg, etc..

Produção: MovieMakers, Svenska Filminstitutet (SFI) / **Produtores:** Lars Pettersson, Bert Sundberg / **Cópia:** DCP, cor e preto e branco, legendado em inglês e eletronicamente em português / **Duração:** 91 minutos / **Estreia:** Suécia, 22 de setembro de 1982 / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

O cinema escandinavo sempre soube que a maternidade terá tanto de dádiva como campo de batalha, talvez tenha até mais uma pitada do segundo- pense-se na **Sonata de Outono** do Bergman, ou em **Bara en mor**, de Sjöberg. Com uma frequência invulgar, a mãe surge nestas filmografias não como figura pacificadora ou centro imóvel da família, mas como sujeito contraditório, dividido entre desejo e dever, cuidado e fuga. Se no imaginário clássico a mãe é muitas vezes o equivalente doméstico da ordem, no cinema sueco foi-lhe repetidamente permitido falhar, hesitar, cansar-se, escolher outra coisa, no fundo, sonhar, e ser mulher após o parto. Tudo isto sem que o filme a julgue por isso.

O cinema representou frequentemente uma mulher sedutora e independente, mas essa mulher raramente tem filhos. Parte do fascínio masculino por essa figura é precisamente a impossibilidade - ou o desafio - de a “domesticar” – que por norma significa fazer dela mãe. É a ameaça e o perigo que esta representa, que colocam o homem numa postura de herói, disposto a salvá-la de si própria e das consequências da sua liberdade que nunca é neutra: vem sempre acompanhada de suspeita, castigo e solidão.

Quando ambas coexistem na mesma personagem, o conflito costuma ser tratado como incompatibilidade trágica. **Mamma** de Suzanne Osten, inscreve-se nessa linhagem – a de não resolução dessa divergência -, mas fá-lo de forma particularmente íntima e transparente. O filme parte da vida de Gerd Osten - mãe da realizadora – que foi uma

jornalista, escritora e intelectual; ativista política, figura brilhante e instável e uma das mais importantes críticas de cinema suecas. Foi casada com um alemão que se viu forçado a fugir da Alemanha pelas suas convicções, Karl Otto Osten, o pai de Suzanne. A sua vida pública coexistiu – inevitavelmente - com a vida familiar, marcada por separações, crises psíquicas e pela dificuldade em corresponder ao ideal materno tradicional enquanto tentava com enorme esforço cumprir um sonho, o de realizar um filme.

Suzanne Osten transforma esse legado ambivalente não num ajuste de contas, mas numa reparação histórica, já que cumpriu ela, com o seu primeiro filme, esse desejo da mãe, como se fosse impossível começar este percurso (de realizadora) sem fechar antes o capítulo freudiano da herança materna. Não deixa de ser revelador que o seu último filme - antes da morte, em 2024 - tenha sido **Flickan, mamman och demonerna**, regressando uma vez mais à mesma figura.

Gerd não olha nunca para trás, está em missão permanente - política, artística, emocional. A guerra, o exílio e a urgência histórica parecem chamá-la continuamente. Não abandona por maldade, mas por excesso de mundo. Sem aderir a uma acusação simplista de negligência, o filme, no fundo, propõe que a maternidade é apenas uma das identidades possíveis, e não necessariamente a dominante. A autorrealização surge inseparável do egoísmo, e o egoísmo inseparável da sobrevivência. A filha, também ela mulher, assume uma postura compreensiva - onde esta também se insere, aparecendo literalmente representada no filme - sem a castigar, mas contando inevitavelmente a sua perspectiva: A de uma criança que cresce na ausência e que procura, apesar de tudo, compreender.

Como em tantos relatos de maternidade fraturada, a filha assume uma posição vítima consciente. É talvez nesse gesto - o de filmar a mãe - que se encontra uma forma de recomposição, ainda que sempre incompleta, cruzando-se com a História europeia. A guerra infiltra-se na intimidade, e a intimidade devolve-lhe uma dimensão sensível e concreta.

A grande força de Suzanne Osten está em recusar tanto a santificação como a condenação. Gerd Osten não surge como heroína nem como falha exemplar, mas como figura profundamente humana, atravessada por contradições que o cinema sueco, mais do que muitos outros, tem sabido acolher.

Tiago Leonardo